

## ALGUNS ASPECTOS DO SÉTIMO DIA OU SHABBAT NAS ESCRITURAS E NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

**Paulo Antônio ALVES**, Religioso da Congregação Nossa Senhora de Sion, Doutorando em Teologia pela PUC – SP, leciona Teologia no ITESP – SP e no CCDEJ – SP.

**Marivan Soares RAMOS**, leigo casado, Doutorando em Teologia pela PUC – SP, é Coordenador Acadêmico e professor do CCDEJ – SP, membro do Conselho Editorial e Consultivo da Coleção de livros Judaísmo e Cristianismo.

### Resumo

O presente artigo tem como proposta apresentar o sétimo dia, *shabbat*, como fonte geradora de comunhão e vida. Foi por meio da ação libertadora de Deus, junto ao seu povo no Egito, que Ele concedeu sua aliança. Essa por sua vez, deve ser lembrada e guardada de geração em geração como sinal do amor perpétuo de Deus por seu povo. A teologia da *shabbat* vivenciada pela tradição de Israel apresentará ecos na teologia do domingo. Isto se deu graças à escuta de Israel na Igreja. Dessa forma, a comunidade cristã ao praticar os preceitos dominicais, manteve-se ligada a prática da *shabbat*. Isto se deve porque a ressurreição de Jesus sinaliza a vitória da vida sobre a morte e, assim, ela atualiza a libertação de Deus na história, que deve ser lembrada e guardada de geração em geração.

**Palavras-chave: Sábado, Domingo, Torá, Guardar, Lembrar.**

### Abstract

The purpose of this is to present the seventh day, *shabbat*, as a source of communion and life. It was through God's liberating action with his people in Egypt that He granted his covenant. This, in turn, must be remembered and kept from generation to generation as a sign of God's perpetual love for his people. The *Shabbat* theology experienced by Israel's tradition will echo Sunday's theology. This was thanks to listening to Israel in the Church. In this way, the Christian community, while practicing Sunday precepts, remained connected to the practice of *shabbat*. This is because the resurrection of Jesus signals the victory of life over death and, therefore, it updates the liberation of God in history that must be remembered and kept from generation to generation.

**Keywords : Saturday, Sunday, Torah, Save, Remember.**

## Introdução

Segundo a tradição judaico-cristã, o dia chamado *Shabbat* (שבת)<sup>1</sup> encerra o ciclo da criação: “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia cessou, depois de toda obra que fizera” (Gn 2,2). O verbo שבת, no texto em questão, está conjugado no tronco verbal *qal*, terceira pessoa do masculino singular. Nesse caso específico, o verbo שבת, conjugado no tronco verbal *qal*, sugere a ideia de ‘encerrar algo’ e é, por isso, que muitas traduções utilizam o verbo ‘descansar’. Como se Deus, após a criação, estabelecesse o *Shabbat* como seu limite-ilimitado.<sup>2</sup> É o que observa-se na maioria das Bíblias em português ao optarem pela tradução do verbo שבת pelo verbo ‘descansar’, como a de Jerusalém (1985, 2002), Pastoral (1990), Peregrino (2002), João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (1993), Vozes (2005), CNBB (2019), Bíblia Judaica completa (2010).

Por outro lado, o verbo שבת, mesmo no tronco verbal *qal*, pode sugerir a ideia de ‘cessar’. Como verifica-se no texto de Gn 8,22, “dia e noite jamais cessarão (שבת)”. É por causa dessa possibilidade que traduções como a TEB (2015), traduziram o verbo שבת, pelo verbo ‘cessar’. Preferindo-se, nesse caso, o verbo que sinaliza a ideia de ‘guardar’, ‘zelar’. Neste sentido, Haddad (2015, p. 33) argumenta que o significado do verbo שבת, significa, via de regra, “cessação e não repouso”. O verbo descansar pode, segundo Haddad, sugerir a ideia de fadiga. E qual seria a fadiga de Deus? De fato, o que ocorre, é que “Deus cessa de acrescentar novas regras ao mundo. Ele mantém o

<sup>1</sup> Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (verbetes 2323 shabat, 1998, p. 1521), a palavra *Shabbat* é cercada de algumas dúvidas. Não se sabe se ela como substantivo deriva do verbo ou se o substantivo de origem derivou o verbo. De toda forma, a palavra tem uma característica, segunda letra da raiz de forma duplicada, de um substantivo derivado da conjugação verbal chamada *piel*, embora em momento algum a encontre conjugada neste estado. Existem 71 ocorrências da palavra *Shabbat* no Primeiro Testamento. Dessas, 27 ocorrências na conjugação verbal simples chamada *qal* (voz ativa) apresenta a ideia de “interromper”, mas dessas 27 ocorrências, 13 faz alusão a ideia de “cessar” e outras 04 ocorrências na conjugação *nifal* (voz passiva). Já na conjugação verbal *hifil* (voz ativa) encontra-se o maior número de ocorrências, 40, sugerindo a ideia de “fazer cessar” (D.I.T.A.T., 1998, 1521).

<sup>2</sup> O *shabbat* de Deus no tempo e no espaço porta uma noção de limite, sem, com isso, prescindir de ser sinal de Eternidade, ou não limite, de possibilidades infinitas. É, por isso, que vemos em Jo 5,17, seguindo a Teologia do Cumprimento, a noção de continuidade de uma ação que produz vida em um contexto que aponta não para um limite no tempo, mas para algo que limite a natureza humana. Neste caso, quando não se pode cessar, a noção de Eternidade, age porque não pode descansar, cessar, ou tomar alento, pois uma pessoa sofre. E essa noção encontra-se na expressão hebraica: *piquar néfesh*, ou seja: para salvar uma vida é permitido romper com o limite aceito em tempos normais, é possível não cumprir o mandamento da *Shabbat*.

mundo como está e repousa” (2015, p. 33). O *Shabbat*, portanto, segundo os textos veterotestamentários, sinaliza para a aliança entre Deus e o povo.

O *Shabbat*, nesse sentido, significa, para a tradição judaica, o momento em que o ser humano é convidado para, assim como fez seu Criador, cessar seus trabalhos. Interrompendo seus afazeres cotidianos, no *Shabbat*, o ser religioso é capaz de celebrar sua vida em comunhão com o Eterno. Antecipando aquilo que será no futuro. João Paulo II assim nos diz sobre essa comunhão com Deus: “a interrupção do ritmo, muitas vezes oprimente, das ocupações exprime, com a linguagem figurada da ‘novidade’ e do ‘desprendimento’, o reconhecimento da dependência de nós mesmos e do universo de Deus. Tudo é de Deus!” (PAULO II, 1988, p. 16). Dessa forma, Deus santifica o *Shabbat*, como nos ensina uma bonita oração judaica chamada *Kiddush*: “Bendito és Tu, Senhor, que santificas o Shabat...” (LENHARDT, 2020, Tomo II, p. 51). Uma vez santificado, o *Shabbat* terá como missão santificar o tempo. Assim explica Heschel (2014, p. 19): “Seis dias da semana vivemos sob a tirania das coisas do espaço; no *shabbat* tentamos nos tornar harmônicos com a santidade no tempo. É um dia em que somos chamados a partilhar no que é eterno no tempo”.

No que diz respeito à tradição cristã o *Shabbat* continua com seu valor. Basta ver a disposição dos dias de nosso calendário que apresenta o sábado como o último dia da semana. Ou ainda, o encerramento do Tríduo Pascal que culmina com a vigília do sábado santo, em que solenemente proclama-se o Glória, aclamando a ressurreição de Jesus, Deus encarnado. Sobre a encarnação, Lenhardt (2020, Tomo II, p. 206) assevera: “a novidade cristã, irredutível, certamente, mas sobre um fundo de continuidade, consiste em ver e declarar que Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, o Senhor, que ninguém pode confessar se não for através do Espírito Santo, é a *Shekhiná*”. Dessa forma, na paixão, morte e ressurreição de Jesus cumpre-se, de modo pleno: a dimensão sabática. Os padres da Igreja assim já ensinavam: “nós consideramos verdadeiro sábado a pessoa de nosso Redentor, nosso Senhor Jesus Cristo” (PAULO II, 1988, p. 18). Para os cristãos, portanto, o domingo da ressurreição é indubitavelmente extensão do *shabbat*. O dia do Senhor! O dia que rompe com os limites humanos e coloca-se como o tempo de Deus. Para Ephraïm: “os padres da Igreja parecem ter tido a intuição de que o domingo seria parecido ao

oitavo dia, uma abertura evocadora da transposição dos limites da semana, um prolongamento do shabat no shabat sem fim, que é o Reino” (1998, p. 246).

## 1. Alguns aspectos da Shabbat/ 7º Dia na Tradição de Israel

O ensinamento da *Shabbat*<sup>3</sup> ou Sétimo (7º) Dia<sup>4</sup> revelado, ensinado e inscrito nos Dez Pronunciamentos ou 10 Palavras ou Decá (10) - logo (palavra, pronunciamento, discurso): Decálogo é um dos ensinamentos mais importantes e, como tal, é portador de uma grande luminosidade para o coração.<sup>5</sup>

Antes de continuar, convidamos você, amiga leitora e amigo leitor, a ir até a Escritura e nela conferir a mesma revelação divina, que ensina de modo duplo ou diverso ou múltiplo: Ex 20,8-11 e Dt 5,12-15. Esses dois textos, ligados a Gn 2,1-4a e Ex 12, de modo especial, possibilitam-nos a perceber a beleza da unidade na diversidade ensinada por Deus a Moisés o qual foi o mediador entre o Revelador-Libertador-Educador e seu Povo: libertado e discípulo. Libertado no corpo e cujo corpo e coração precisam agora de formação para viver e ensinar a sua liberdade recebida de modo gratuito. Se, de um lado, existe um ato gracioso, misericordioso de Deus; por

<sup>3</sup> A palavra *Shabbat* é uma palavra usada pela Torá como sendo comum dos dois gêneros. Ora aparece no feminino e ora no masculino. Contudo sua forma escrita e oral traz um traço o qual, em geral, diz respeito a uma palavra do gênero feminino, ou seja: sua última consoante: ך, (*tav*) = T. O ך é uma consoante usada duas vezes para se referir à forma feminina em hebraico. A Tradição dos Sábios, amparados pelas suas esposas, também faz uso da palavra *Shabbat* tanto no masculino quanto no feminino. Esse uso é possível ver e ouvir na Liturgia do dia da *Shabbat* e na interpretação feita pela Sinagoga a qual apresenta, de um lado, a *Shabbat* como **noiva**, **rainha** e, por outro lado, a palavra aparece no masculino. O sábio da Idade Média, Rachi, vai sentir um desconforto em usar a palavra *Shabbat* no feminino e dá suas razões. Ao fazer isso, Rachi rompe com uma Tradição, que lhe era anterior, e possibilitava a uso da palavra tanto no feminino quanto no masculino. Aqui, neste artigo, utilizaremos o gênero feminino, por causa da forma da palavra e da força gerativa de que uma palavra feminina é portadora. Com isso evitaremos o uso da palavra “sábado”, a qual já faz uma opção de tradução.

<sup>4</sup> A própria Escritura, em vários lugares, usa o duplo para falar de algo importante, como as duas narrações dos dois ensinamentos da *Shabbat* (cf. Ex 20,8-11; Dt 5,12-15); as duas narrativas da criação do ser humano (cf. Gn 1,26-27; 2,7-23; etc...). A Tradição sinagoga vai apoiar no Salmo 62,12: “Deus falou uma vez, e duas vezes eu ouvi” para dizer que a Palavra de Deus é Una, mas os ouvidos humanos ouvem mais de uma, ou a diversidade, a multiplicidade de interpretações. Aqui temos duas formas de se referir a essa realidade divina doada a ***Shabbat*** e/ou ***Sétimo Dia*** que na Teologia Cristã da Plenitude ou Cumprimento anuncia o **Dia da Ressurreição** ou **Domingo**.

<sup>5</sup> Coração aqui entendido a partir a antropologia simbólica da Torá, isto é: o centro ou fonte da intimidade da pessoa humana; lugar da vida afetiva, intelectual e de toda vontade humana. Na Torá, pensa-se com o coração; decide-se com o coração; ama-se com o coração; vê-se com o coração; discerne-se com o coração; mas também é lugar onde ciladas são tramadas. Aqui também o número 2 se faz presente, pois, em hebraico, coração se diz: *lev* ou *levav*, isto é, com um (**v**) ou dois (**v**). A Liturgia sinagoga ensina que existem duas inclinações no ser humano: uma boa e outra má.

outro lado, existe a parte humana a qual deve aprender a viver o dom da liberdade que requer compromisso, engajamento e projeto de libertação. Assim, aquilo que foi recebido de graça, dizem os antigos, “deve ser doado na praça”. O ensinamento da *Shabbat* forma agentes de libertação para aqueles e aquelas que estão sendo oprimidos (as) no corpo e no coração, dentro e fora, em sentido individual e comunitário e com a Natureza: “Faze memória de que foste escravo (a) na terra do faraó opressor e que o Senhor, teu Deus te fez sair de lá... por isso que o Senhor, teu Deus te ordenou guardar o dia da *Shabbat*” (Dt 5,11). E na *Shabbat* “nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu animal, nem o estrangeiro que está em tuas portas e toda sua casa” (Ex 20,10), fará trabalho de qualquer espécie, e se todos e todas cessam de trabalhar, logo a terra também para e também descansa.

E nessa volta para a Criação (Ex 20,8-11) e para a Libertação (Dt 5,12-11), as quais são anunciadas no ensinamento da *Shabbat* ou *Sétimo Dia*, que fazem parte dos 10 ensinamentos de Deus a Moisés, no Sinai. Com isso, percebe-se que, dentro da mesma instrução divina, temos logo no início ou na cabeça da Revelação divina duas surpresas: dois verbos diferentes que começam a mesma ordem divina: Ex 20,8, ‘**Lembrar**’ e Dt 5,12, ‘**Guardar**’. Essas duas surpresas foram e são trabalhadas pela Liturgia sinagoga de forma profunda e encantadora.

Para Lenhardt (2020, p. 41-42), “a função do shabbat é claramente definida no decálogo”, onde assumirá o “memorial da criação” e o memorial da “saída do Egito”. Ao celebrar a entrada da *Shabbat*, a bênção do *quidush* proclama sua santidade e confirma sua função nas 10 Palavras ou Decálogo: “o shabbat é então denominado ‘memorial’ (*zikkaron*) do ato do começo (isto é, da Criação) e ‘memorial’ (*zekher*) da saída do Egito” (LENHARDT, 2020, p. 44). Desses dois verbos derivam muitas outras interpretações presentes no *Midrash* (Interpretação ou Hermenêutica) e na *Avodá* (Liturgia). Vejamos abaixo algumas dessas interpretações!

## 1.2 *Guardar e lembrar a Shabbat* ou o 7º Dia na Tradição Rabínica

Tanto o verbo: *guardar* quanto o verbo: *lembrar* estão ligados à regra de ação: *para santificar* (Ex 20,8; Dt 5,12). O *Talmud* diz que o verbo *santificar* (שַׁבַּת) do v. 8b

significa: consagrar uma mulher, desposar (HESCHEL, 2014, p. 76) e que o verbo *lembrar-se* (לָזָכַר) do v. 8a, que está ligado a *santificá-lo* (לְקַדְּשׁוֹ), é indicação de que a *Shabbat* é uma noiva para Israel (PELI, 1991, p. 53). Essa interpretação também diz respeito a Dt 5,12b, onde aparece a finalidade do *guardar*, ou a sua regra de ação. Os Sábios de Israel, para chegar a essa interpretação, se apoiaram sobre duas outras passagens da Torá: Ex 31,13 e Gn 2,3.

- a) Ex 31,13: *Observareis* (תִּשְׁמְרוּ) *de verdade as minhas Shabbatot, porque são um sinal* (אֹת) *entre mim* (בֵּינִי) *e vós* (בֵּינֵיכֶם).

Eles tomaram duas palavras desse trecho da Bíblia: *sinal - oth* (אֹת) e *entre - ben* (בֵּין): “um sinal entre”. A *Shabbat* é *um sinal entre*; isso significa dizer que, ao mesmo tempo, a *Shabbat* distingue e une. Estas duas polaridades: distinguir e unir são as duas faces da *Shabbat* ou do 7° Dia. E, antes de tudo, a *Shabbat* ou 7° Dia une e distingue Deus de Israel. Ao mesmo tempo que distingue a preposição “entre” aponta para a relação de Aliança, ou seja, de matrimônio.

- b) Gn 2,3: *Deus abençoou o sétimo dia e o santificou* (שִׁדְּקָה).

Aqui, os sábios vão jogar com o duplo significado do verbo hebraico: *santificar*, isto é: *consagrar* e *desposar* e ainda: *núpcias – qiddushim* (קִדְּוֹשִׁים). Nesse aspecto, existe entre o ser humano e o tempo uma espécie de Aliança e, portanto, um casamento, onde a *Shabbat* é a esposa e o povo, o esposo. Essa esposa é rainha (*guardar*) e noiva (*lembrar*) (PELI, 1991, p. 53), e, por isso, a *Shabbat* é chamada de delícia (cf. Is 58,13). Dessa forma visto, a *Shabbat*, como esposa do Povo, “*desvela* os seus tesouros de amor e de beleza somente a quem sabe acolhê-la com a candura e a paixão de um esposo” (DI SANTE, 2004, p. 170).

Lembremos aqui o primeiro ensinamento dado ao primeiro casal da humanidade, consoante a narrativa da Escritura: Adão e Eva os quais foram criados: homem e mulher, à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27).<sup>6</sup> Ele e ela foram vocacionados, como imagem e semelhança de Deus, à fecundidade e à multiplicidade (Gn 1,28).

<sup>6</sup> Veja a presença constante do número 2, cf. nota 5.

Seguir o primeiro ensinamento-mandamento é ser centro de fecundidade e multiplicidade. O encontro ou casamento é sinal de continuidade de vida.

A Tradição Rabínica busca dar uma resposta à pergunta acerca da presença, no texto da Escritura, dos dois verbos distintos para o mesmo Mandamento-Ensinamento-Palavra-Lei-Dito da *Shabbat* ou 7º Dia. Dizendo:

Lembrar e guardar foram proclamados em uníssono. O que a boca (humana) não pode dizer e o ouvido (humano) não pode ouvir”. Por acaso, estamos diante de um milagre!? Uma comunicação mística divina!? Duas mensagens em um único som!. (Talmud Rosh HaShaná 27a)

Esse modo de interpretar dos Sábios de Israel, amparados pelas suas esposas, é uma tentativa de mostrar que a *Shabbat* ou o Sétimo dia é um exemplo das múltiplas interpretações possíveis de uma mesma revelação divina, que é sempre ensinamento vital. A diversidade presente na Torá não fere a sua unidade. Baseando-se nesse modo de interpretar é que a mensagem da diversidade em meio à unidade foi transformada em um ritual quando, no começo da *Shabbat*, duas velas são acesas por aquela que representa a força geradora: a mãe de família. Uma das velas simboliza a primeira versão do Mandamento-instrução e é chamada de: *shamor* (*guarda*), e a outra simboliza a segunda versão chamada de: *zakhor* (*lembra*). Ao acender as velas, entoar-se o cântico chamado *Lekha Dodi* (vem, meu amado), feito por Shelomo ha-Levi Alkabetz (1535), que se diz: “Guarda e Recorda, ditos em uma expressão única e simultânea, nos fez ouvir Deus, Uno e Único. O Eterno é Um e Seu Nome é Único – por seu bom Nome, por sua beleza, por seu louvor”. Ephraïm (1998, p. 245) diz que; “*Shamor* e *Zakhor* ladeiam a expressão ‘*beDibur ehad*’, que faz alusão ao versículo do Salmo 62,12<sup>7</sup> o qual diz que Deus pronuncia uma só palavra mas que, misteriosamente, nós ouvimos várias... Os ecos da Palavra divina são infinitos...”

### 1.2.1 *Shabbat* ou 7º Dia: observância e reflexão

Da forma verbal: *zakhor*, nasce o substantivo: *zekher*: reflexão. Faz parte do ensinamento do *Shabbat* falar sobre ela, refletir sobre ela. Nessa perspectiva, a

---

<sup>7</sup> Estamos usando a numeração da versão hebraica da Bíblia.

*Shabbat* situa-se na linha da *memória* que lembra para atualizar e refletir. Existe, nessa interpretação da *Shabbat*, um elemento de questionamento, de reflexão, de busca de resposta. E esse elemento constitutivo da *Shabbat*, podemos encontrar em uma outra palavra que se liga diretamente à *Shabbat*, e que aqui só fazemos um aceno: o *maná*: o que é isso? O qual aparece em Ex 16, onde o ensinamento da *Shabbat* já é revelado antes mesmo do Sinai (Ex 16,16-30). Ou seja, *Shabbat* e *maná* são revelações divinas que ensinam o homem e a mulher a exercerem sua capacidade intelectual. E, portanto, Torá não fala somente de refletir sobre a Palavra do *Shabbat*, mas também de ser o tempo da *Shabbat*: tempo de encontro e reflexão.

Mas a Torá fala também, ou talvez, antes de tudo, de *shemirá*, da raiz verbal: (שמר), ou seja: o ato-ação de *guardar*. Se o verbo: *lembrar* indica também reflexão (*zekher*), o verbo: *guardar* indica, de igual modo, que a *Shabbat* é igualmente uma instituição revelada-ensinada para ser vivida, saboreada, praticada: é para se fazer experiência dela; e, dessa experiência saborosa porque saboreada, brota o testemunho. Nessa perspectiva, a *Shabbat* situa-se na linha da prática ou práxis pessoal, familiar, comunitária (grupo religioso) e social ou política (cidade-país-mundo), uma ortopráxis. Aliás, a práxis da *Shabbat* precede a sua instituição jurídica, como visto acima. E, nesse sentido, a Lei-Instrução da *Shabbat* ou 7º Dia tem dois aspectos, duas faces, de uma mesma e única realidade, que não podem ser dissociadas: *guardar e lembrar, observância e reflexão* sobre ela. Essa relação, entre a reflexão e a observância do Ensino da *Shabbat*, está bem sublinhada nas duas versões do Decálogo, pois em ambas as versões, as duas formas verbais que *entetam*<sup>8</sup> o Mandamento da *Shabbat* ou 7º Dia estão intimamente ligadas à sua regra de ação: *para santificá-lo*. Eis o que diz Weil (1975, p. 12): “A ligação entre as duas concepções do shabbat, a intelectual e a observância é a finalidade do shabbat, a saber: sua ‘santificação’”

---

<sup>8</sup> Neologismo por nós gerado o qual vem da palavra francesa: *tête*, assim: *entetar* = encabeçar. Mas para quem conhece o português do Brasil percebe que esse neologismo carrega com ele uma outra parte do corpo humano: os dois seios femininos ou tetas, duas fontes de leite para nutrir o ou a recém-nascido (a). E essa imagem cabe bem para a noção da *Shabbat* como noiva, esposa e mãe. Lembremos que a *Shabbat*, na Teologia Cristã, está ligada à Filha de Sion, a Virgem que dará à luz um Filho, Maria.

### 1.2.2 A *Shabbat* e a *havdalá*

Como no início da *Shabbat* ou 7° Dia, que se realiza por meio de alguns ritos, assim também é o seu fim. O ritual da *Shabbat* inicia-se com a mãe de família, cuja missão é acender duas velas, chamadas de: *zakhor* e *shamor*, as quais simbolizam a primeira e a segunda versões do Decálogo ou 10 Palavras: o Memorial da Criação (Ex 20,8) e o Memorial da Libertação da terra do Faraó que não conhecia José do Egito (Dt 5,15; Ex 1,8). E no seu fim, acontece a cerimônia chamada de *havdalá*, que quer dizer: *separação/distinção*, porque marca a diferença entre a *Shabbat* ou 7° Dia, que está por terminar, e os dias comuns que vão se iniciar. Na celebração da *havdalá*, no fim da *Shabbat*, as duas velas, que foram acesas no início, são aproximadas e se entrelaçam, formando, assim, uma única chama; simbolizando assim a linha da *memória* e da *prática*, a linha da *distinção* e da *relação* (BIANCHI; BENEDETTI, 2009, p. 15-22).

### 1.3 *Shabbat* ou 7° Dia: Memória e Liberdade

O Decálogo, em suas duas versões, faz memória, logo em seu início, daquilo que constitui o fundamento da vida de Israel e é proclamado pela Torá: a experiência do Êxodo, isto é, o mistério da libertação de Israel da terra da escravidão (cf. Ex 20,2; Dt 5,6) com mão forte e braço estendido (cf. Dt 5,15). E essa ação divina é fruto do amor de Deus pelo seu Povo, por isso sua ação é uma ação graciosa, é obra de sua graça advinda de sua Aliança de amor e fidelidade a seu Povo.

Na Torá, Deus não se dá a conhecer, em primeiro lugar, como Criador, pois não diz aos israelitas: “- Eu sou o Deus que te criou!”, mas Deus diz: “Eu sou YHWH, teu Deus, aquele que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Dt 5,6; Ex 20,2). Quando Israel expressa a sua fé em Deus, é a um fato histórico que ele se reporta. Foi somente, bem mais tarde, depois de muitos séculos, que os israelitas e as israelitas se colocaram a pergunta acerca da Criação.

O Decálogo, assim, coloca o ouvinte, que é chamado e chamada a ser um e uma hermeneuta, diante do texto da Escritura, duplamente entregue em sua forma final. Dois textos de uma mesma revelação que falam da Criação e da Libertação. Que

falam da vida e da liberdade dadas. Vida e liberdade que são recordadas e celebradas no culto ou liturgia. A ação de Deus se deu na história e é celebrada na história.

A partir disso, podemos assim raciocinar: se a fé bíblica é histórica, logo a *memória* é um aspecto teológico de grande importância para Israel e, pela mediação de Israel: para a Igreja. E o próprio ensinamento de Jesus, o Rabi de Nazaré, transmite isso (Lc 22,19 e 1 Cor 11,24).

Invocando o fato histórico da libertação, que ocorreu no passado, na introdução ou motivação das duas versões e ainda uma segunda vez na Lei-ensinamento da *Shabbat* de Dt 5,15, como uma espécie de superlativo, o Decálogo traz à memória a ação libertadora de YHWH para o hoje, o presente, o aqui e agora (*hic et nunc*). Fazendo, por meio dessa ação rememorativa, uma atualização da ação divina, que por ser ação divina é fecunda e singular, ou seja, abençoada e santa, porque separa um tempo num determinado espaço. No efeito da atualização, dá-se uma nova qualidade ao tempo e ao espaço. E isso de modo muito particular no Sétimo dia ou *Shabbat*, na qual o ser humano repousa, respira, transpira, intui, reflete, medita, dialoga em encontro, brinca e dança, faz refeição especial em grupo e não isolado. Colocando-se ou encontrando seu lugar diante da *Shekhiná Divina*: Presença de Deus e, ao se colocar na Presença de Deus, encontra seu lugar no mundo, na sociedade, por meio de sua vocação colocada a serviço do Reino de Justiça, Paz e Amor-Perdão.

Dessa maneira, a experiência da Libertação foi uma experiência existencial, ou seja, aquilo que foi vivido, no concreto da vida, de modo real e não como algo conceitual ou abstrato. Não foi a experiência da Criação que os (as) israelitas tiveram em primeiro lugar; eles, em primeiro lugar, fizeram a experiência da Libertação da qual se faz *memória* na Torá, na liturgia e no Talmud Torá: no estudo que se visualiza no agir reto. Neste sentido, nos lembra Lenhardt: “na unidade inseparável entre Torá e mandamentos, é a Torá (Talmud) que precede, é o Talmud que é maior ‘porque ele leva à ação (mandamentos)’” (2020, p. 109-111). É lógico que na Torá, ou Revelação, encontramos, em primeiro lugar, ou sincronicamente, ou ainda canonicamente, a dimensão da Criação. Aqui já estamos na esfera do teológico. E, com isso, queremos dizer que a fé de Israel não se formou a partir de uma doutrina para que chegasse, posteriormente, à vida concreta; mas partiu da vida concreta para chegar a uma

doutrina ou afirmação de fé. E o que se chama experiência inicial ou fundadora, repetimos: é a libertação da terra onde se praticava a escravidão.

Destarte, é possível afirmar que - além de memória - a fé bíblica é também: liberdade, ou abertura para o futuro e futuro esse que é abençoado e santo. E, a partir desse modo de pensar, é possível dizer que a fé bíblica move-se na dinâmica do processo dialético entre *memória* e *liberdade*, vivido de modo intenso e fecundo no Sétimo Dia ou *Shabbat*, que faz memória da Criação e da Libertação.

#### **1.4 *Shabbat* ou 7º Dia: Memória, Liberdade e Liturgia na Tradição de Israel e Cristã**

A fé de Israel – em se movendo na dialética entre Memória e Liberdade – vai ser traduzida, ou expressada, ou ainda comunicada na atmosfera de tempo e de espaço da liturgia ou do culto: veículos para a benção e a santificação; solo da fecundidade. A experiência da Libertação, que se concretizou na Aliança do Sinai, entre dois sujeitos livres, por meio dos Mandamentos, ou Leis, ou Palavras, ou ainda Pronunciamentos-Ensinamentos Revelados e, de modo particular, no Mandamento da *Shabbat*, vai ser um solo fecundo de onde brota vicejante a ação litúrgica ou celebração da fé e da vida do Povo de Israel. Dessa forma, “o Memorial litúrgico no Judaísmo é um ato cultural no qual se lembra um evento de salvação no passado: com o propósito de reviver no presente a graça e a força deste evento, na espera de uma plenitude definitiva que deve vir” (MIRANDA; RAMOS, 2020, p. 36). A celebração litúrgica entra, portanto, em uma dinâmica de comunhão e participação, que deriva do Dom da Libertação oferecido por Deus como consequência direta de sua fidelidade a sua Aliança. Como resultado da relação assumida no ver e no sentir do sangue (Ex 19,8; 24,7-8) e na prática da *Shabbat* pós-entrega das novas Tábuas (Ex 34,1.4.10.21.27-29; 35,1-3: resumo do que fora dito e escrito).

Israel não celebra para aplacar a ira de Deus, mas para agradecer a Deus pela Libertação: Dom da Aliança; e para reconhecer novas intervenções de Deus em sua história. Tudo isso é celebrado na liturgia. As noções de Memória e Criação se fazem presentes em orações do dia da *Shabbat* onde “Deus é louvado pelo dom do shabbat, ponto culminante, lembrança e imagem do esplendor da criação” (DI SANTE, 2004, p.

199). Esse mesmo fenômeno ocorre também, na liturgia, com relação às noções de *memória* e *libertação*. Isso tanto em orações e hinos do dia da *Shabbat*, como na poesia litúrgica, que é um canto místico: *Lekha Dodi* (vem, meu amado!), onde a esposa/*Shabbat* é símbolo de Salvação e de Redenção. Eis o que diz Di Sante (2004, p. 197):

Entre o primeiro convite dirigido ao esposo (“Vinde, vamos ao encontro do shabbat”) e o último, dirigido à esposa (“Vem, ó esposa, vem, ó esposa”) se desenvolve a parte central da poesia, na qual se fala da beleza da esposa, isto é, da riqueza do shabbat (“fonte de bênçãos... fecho da obra da criação, mas no pensamento divino em primeiro lugar”) e da atitude que o esposo deve ter para com ela: “levanta... sacode a poeira... ressurgue... acorda... não te envergonhes”. Além de pedir uma atitude de abertura à esposa/shabbat, o poeta apresenta seus motivos: a esposa/shabbat, imagem divina, é portadora da salvação (“Ele terá piedade de ti”), de redenção (“aproxima-se de mim a redenção”).

No ritual do *Seder Pascal*, lê-se: em toda geração, cada um deve considerar-se como se tivesse sido libertado da terra da escravidão, como está escrito: “Naquele dia, assim falarás a teu filho: ‘Eis o que YHWH fez por mim quando saí da terra do Egito’ (Ex 13,8).<sup>9</sup>

Esse texto tem a função, no ritual do *Seder Pascal*, de ensinar a fazer memória da intervenção libertadora de Deus na história. Não se trata de uma simples recordação ou nostalgia de um tempo ido. Todo grande amor faz memória do momento inicial: como fonte de alegria, nos bons momentos, e como renovação da esperança nos momentos difíceis. Em ambos os casos, o olhar fita o horizonte, o futuro, como tempo de bênção. Nesse momento de Memória, acontece atualização da vida no que se está celebrando; e esse é também o sentido das últimas palavras de Jesus na Última Ceia, recordadas por Lucas e Paulo,<sup>10</sup> quando ele disse: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1 Cor 11,24-25). Neste sentido, “a Eucaristia se torna, desse modo, um memorial vivo de um ato único e perfeito realizado por Jesus no passado, mas que continua dinamicamente operante no presente com promessa certa para o futuro” (MIRANDA; RAMOS, 2020, p. 44). Como visto acima, em cada

<sup>9</sup> Por ocasião do segundo cálice de vinho, levantado pelo pai de família ou o celebrante.

<sup>10</sup> Paulo liga a dimensão do *fazer memória*, tanto ao pão quanto ao vinho. Lucas liga somente ao pão e Mt, Mc e Jo não transmitem essa tradição por ocasião da Última Ceia.

Eucaristia celebrada, seja ela onde for, quando se *faz memória* do Mistério Pascal, esse Mistério se faz realidade da Presença de Deus na vida do cristão e da cristã, de modo pessoal e comunitário e cósmico. E não nos esqueçamos do grande repouso do Senhor (Hb 4,1ss; Jo 19,31).

## **2 *Shabbat*: noiva-esposa-rainha e Domingo: Dia da Ressurreição/ Dia do Senhor-noivo-esposo-rei na Tradição Cristã**

Talvez por não ter sido impregnada pelo antissemitismo e por disputas sobre questões religiosas a Igreja da Etiópia, até hoje, guarda a *Shabbat*. “Os cristãos da Etiópia chamam o dia de shabbat de ‘pequeno shabbat’, e o domingo de ‘grande shabbat’” (EPHRAÏM, 1988, p. 253). Isso mostra de maneira inequívoca como o Cristianismo, em suas origens, guardava a observância da *Shabbat*. Aqui ganha destaque a ideia de continuidade e não de substituição, no que se refere ao movimento entre *Shabbat* e o domingo.

A *Shabbat* orienta a Memória para a origem e o Domingo evoca o futuro. Ambos se complementam. No ensinamento dos Padres ou Primogênitos da Igreja:

O domingo, além de ser o primeiro dia, é também ‘o oitavo dia’, ou seja, situado, relativamente à sucessão septenária dos dias, numa posição única e transcendente, evocadora não só do início do tempo, mas também do seu fim no ‘século futuro’ (PAULO II, 1998, p. 24-25).

Tanto um quanto o outro falam de um começo e de um fim, pois ambos se revestem da dimensão de Memória. O cristão e a cristã é, ao mesmo tempo, ser de Memória e do Memorial da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,24.25) e ainda anúncio da *Parusia*: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, e proclamamos a vossa Ressurreição! *Maranathá*: Vinde, Senhor Jesus!”<sup>11</sup>

No Domingo, a história da libertação ou salvação é recapitulada em Jesus Cristo. Desse modo, o Domingo, na dimensão de plenitude, assume aquilo do qual a *Shabbat* é portadora: a Memória da Criação, como Memória da Nova Criação; e Memória da

---

<sup>11</sup> *Anamnese ou Memória*, que se proclama após o ato da consagração, durante a Missa.

Libertação, que é conclusão da Criação original, numa abrangência holística ou total. Eis o que diz Moltmann (1980, p. 375): “Se distribuirmos o peso do ‘cumprimento’ e da ‘criação’, colocando-os no ‘sétimo dia’ e no ‘primeiro dia’; o dia da criação se abre para o dia da nova criação, e o primeiro dia da nova criação pressupõe o dia da conclusão da criação original”.

Eis o que diz ainda Rosenzweig, quando fala dos dois aspectos de Criação e Libertação que estão unidos na *Shabbat* e que, de um modo próprio, na linha do ‘cumprimento’, são assumidos e anunciados pelo Domingo: “O *shabbat* é a festa da criação, mas de uma criação que tem lugar em vista da redenção; ele se encaminha, de modo manifesto, para o fim da criação e como o sentido da criação” (ROSENZWEIG, 1992, p. 372).

### **Considerações finais**

A partir das reflexões acima, chegamos facilmente a uma ligação possível entre a *Shabbat* ou Sétimo Dia e o Domingo ou Dia da Ressurreição. Embora, a princípio, pareçam existir controvérsias sobre o ensino da observância da *Shabbat* nos textos neotestamentários (Mc 2,23-28) entre Jesus (ensino cristão) e o fariseus (ensino judaico). Isso pode sugerir, por parte dos seguidores de Jesus, uma ruptura com a tradição mosaica. Entretanto, o que está em questão são formas diferentes de interpretação. Para a tradição judaica, representada no texto pelos fariseus, os discípulos de Jesus são acusados de violarem a *Shabbat* ao arrancarem espigas para comer.

Todavia, Jesus, representando o ensinamento cristão, assegura que se a vida está em risco a *Shabbat* pode ser violada, pois a *Shabbat*, em sua essência, deve favorecer a vida e não a morte ou injustiça. E arremata: “a *shabbat* foi feito para o homem, e não o homem para a *shabbat*” (Mc 2,27). Ou seja, na linha da Criação, existe uma prioridade da vida humana da qual a *Shabbat* deve ser a garantia. Escutando a Tradição de Israel encontramos ensinamentos semelhantes a esse de Jesus: “... a *shabbat* foi entregue em suas mãos, e não você nas mãos dela (Talmud Bavli, Yoma 85b) e vimos acima o princípio do *piquah néfesh*. Isso

significa dizer que a observância da *Shabbat* foi assumida de forma plena por Jesus em sua Ressurreição.

Seja lembrado que conflitos como esse sobre a observância da *Shabbat* é comum nos textos neotestamentários. Pela simples razão de sobrevivência dos grupos. Se, por um lado, temos o Judaísmo que busca resgatar sua identidade, por outro, temos o Cristianismo buscando construir sua identidade. Nesse cenário, é normal o embate entre interesses contrários dos grupos, ainda que se mantenham princípios comuns a ambos.

*Shabbat* ou Domingo nos remetem à ação libertadora de Deus junto a seu povo. Os verbos *guardar* e *lembrar* ligados à ação *para santificar*, deixam-nos atentos “à vida nova e definitiva do homem inteiro após a morte, no mundo a vir, do qual o shabbat, neste mundo, é o sinal e a antecipação real. A ressurreição está, por assim dizer, no interior do shabbat” (LENHARDT, 2020, p. 43).

## Referências

- AVRIL, Anne-Catherine; DE LA MAISONNEUVE, Dominique. **As festas judaicas**. São Paulo: Paulus, 1997.
- BÍBLIA HEBRAICA** STUTTGARTENSIA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- BIANCHI, E.; DE BENEDETTI, P. **Il sabato nella tradizione hebraica**. Roma : San Paolo, 2009.
- COMPAGNONI, P. **Il paese dello splendore**. Milano: Instituto Propaganda Libreria, 1987.
- DI SANTE, Carmine. **Liturgia judaica**. Fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.
- EPHRAÏM. **Jesus, judeu praticante**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- HADDAD, Philippe. **Jesus fala com Israel**. Uma leitura judaica de parábolas de Jesus. São Paulo: CCDEJ; Fons Sapientiae, 2015.
- HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Verbete tbv, p. 1521. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HESCHEL, Abraham J. **O schabat**. Seu significado para o homem moderno. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- LENHARDT, Pierre. **À escuta de Israel, na Igreja**. Porque de Sion sai a Torá e de Jerusalém a Palavra do Senhor. Tomos I e II. São Paulo: CCDEJ; Fons Sapientiae, 2020.

MIRANDA, Manoel; RAMOS, Marivan. **O ciclo das festas bíblicas na escritura e na tradição judaico-cristãs**. São Paulo: CCDEJ; Fons Sapientiae, 2020.

MOLTMANN, J. **Jésus: le messie de Dieu**, Paris: Seuil, 1980.

MOMMÉJA, Edith. **As festas cristãs**. História, sentido e tradição. São Paulo: Paulus, 2014.

PAULO II, João. ***Dies Domini***. Carta apostólica sobre a santificação do domingo. São Paulo: Paulus, 1998.

PELI, P. H. **The Jewish Sabbath: a Renewed Encounter**. New York: Schochen Books, 1991.

ROSENZWEIG, F. **L'étoile de la Rédemption**. Paris: Seuil, 1982.

WEIL, P. **Le shabbat comme institution et experience**. In: HAPÉRIN, J.; LEVITTE, G. (org.). **Le Shabbat dans la conscience juive**. Paris: Press Universitaires de France, 1975.